

Conceito 3 - O que é Segurança alimentar? (Parte 2)

Na [newsletter de julho](#) abordámos o conceito da segurança alimentar ([FAO, 2012](#)) e as suas quatro (4) dimensões: disponibilidade, acesso, utilização (nutrição) e estabilidade (resiliência), tendo-se destacado o foco atual quanto ao acesso universal, regular e permanente a alimentos saudáveis, nutritivos e em quantidade suficiente para satisfazer as diferentes necessidades dietéticas ao longo da vida de cada indivíduo atendendo às suas preferências alimentares e culturais com vista uma vida plena, saudável e ativa.

Mas o conceito de segurança alimentar integra também a segurança dos alimentos, cuja definição remete para o manuseamento, preparação e armazenamento de alimentos de forma a reduzir o risco dos indivíduos adoecerem devido a doenças de origem alimentar. O conceito de higiene e inspeção sanitária dos alimentos tem origem na civilização romana onde os inspetores circulavam pelos mercados a inspecionar as vendas de carne e a remover carne rançosa do circuito comercial ([Garcia et al, 2020](#)). No entanto, só no início do século XX é que a ciência elucidou o papel das doenças zoonóticas – zoonoses – nos agentes patogénicos de origem alimentar, sendo o reconhecimento, cerca de 1890, da existência de casualidade entre o leite não pasteurizado e a morbilidade e mortalidade infantis, um dos motores da progressão do conceito de saúde pública ([Garcia et al, 2020](#)).

No século XXI, os novos hábitos alimentares direcionados para um maior consumo de produtos frescos e crus, tornam clara a necessidade de mais investigação sobre a forma como os patógenos alimentares interagem, não só entre homens e animais, mas também com a água, o solo e as plantas, estas como veículo transmissor de doenças virais e microbianas, e ainda como os seres humanos e os animais contribuem para a contaminação dos campos de produção agrícola. Estas questões encontram-se hoje em dia a ser enquadradas e analisadas através de uma abordagem holística de “Uma Saúde” - “**The One Health Concept**” ([Garcia et al, 2020](#)), conceito que reconhece que a saúde das pessoas está ligada à saúde dos animais e do ambiente, numa complexa interligação e interdependência de todas as espécies vivas e do meio ambiente ([Amuasi, et al, 2020](#)).

Com efeito, a sustentabilidade do nosso planeta depende da relação simbiótica entre o homem, os animais, e o ambiente que partilhamos. No entanto, neste último século assistiu-se ao domínio humano sobre a biosfera, manifestado em inovações tecnológicas, mobilidade acelerada e ecossistemas convertidos que caracterizam a industrialização, globalização e urbanização. Estas trajetórias de desenvolvimento fizeram avançar a saúde humana de formas sem precedentes. Contudo, também tornam os seres humanos cada vez mais vulneráveis aos desafios de saúde globais contemporâneos, tais como doenças infecciosas emergentes e reemergentes, como demonstrado pela doença coronavírus de 2019 (COVID-19) e atualmente pela gripe das aves, a resistência antimicrobiana e o peso crescente das doenças não comunicáveis (diabetes, doenças cardiovasculares, obesidade, etc.). A estes desafios adicionam-se ainda as alterações climáticas, pobreza, conflitos armados e migrações ([Amuasi, et al, 2020](#)).

De acordo com o [The Global Risk Forum \(GRF\) Davos](#) (2022), “Uma Saúde” evoluiu para um paradigma amplo e holístico permitindo a inclusão da dimensão ecológica e, mais recentemente, das dimensões económica e social, abordando a equidade, a governança, a justiça, a subsistência e o bem-estar. “Uma saúde” começou assim a ultrapassar o estatuto de mero conceito, para se tornar um movimento verdadeiramente global na interface da ciência, sociedade, política e prática. Com efeito, “Uma Saúde” salienta o benefício sinérgico de uma cooperação mais estreita entre as ciências da saúde humana, animal e ambiental, bem como a importância do desmantelamento dos silos disciplinares e profissionais. Este conceito foi reconhecido e promovido pela ONU, pelo G20, e pela OMS, entre vários outros, estando alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que, em si mesmos, podem ser

entendidos como encarnando uma estratégia de “One Health” destinada a pessoas saudáveis que vivem num planeta perpetuamente habitável ([Amuasi, et al, 2020](#)).

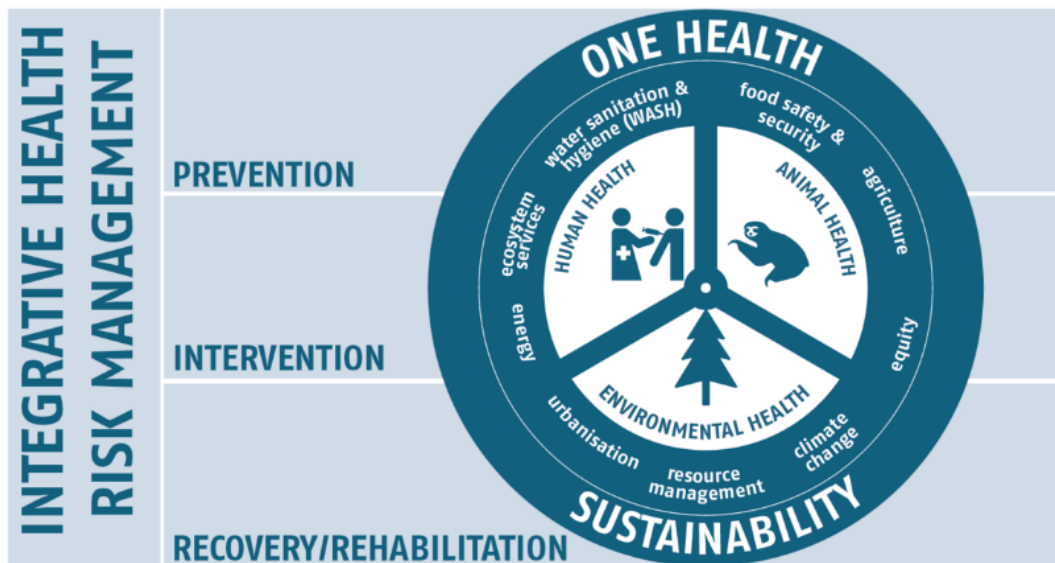


Figura 2 - Abordagem integradora de gestão dos riscos para a saúde, que reconhece as interligações sistêmicas da saúde humana, animal e ambiental e que inclui os fatores de prevenção, intervenção e recuperação/reabilitação ([GRF Davos, 2022](#)).

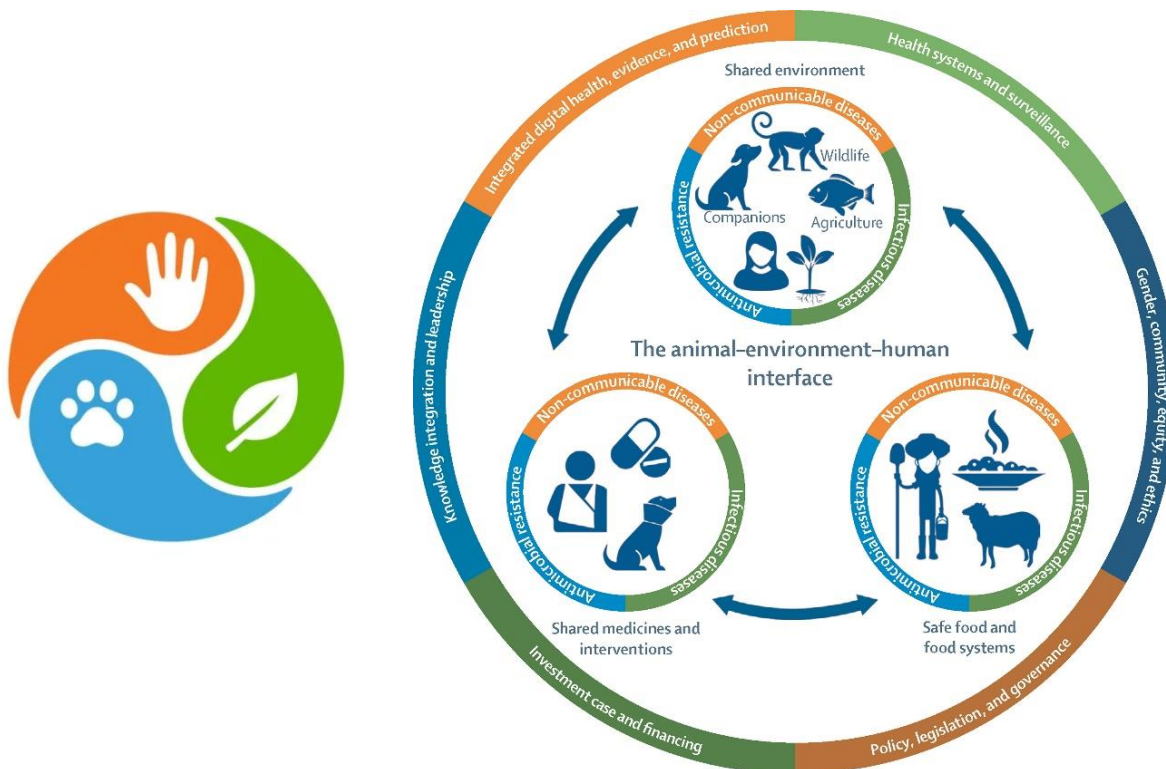


Figura 3 – Abordagem ao conceito de “Saúde única” da “Lancet One Health Commission” ([The Lancet, 2022](#))

Em conclusão, pode-se afirmar que a segurança alimentar global enfrenta numerosos desafios à medida que a população humana continua a crescer. No século XXI, os desafios continuarão a centrar-se no

aumento da segurança alimentar global ([Garcia et al, 2020](#)), mas cada vez mais também a nível regional e local, numa perspetiva de produção “Glocal” de alimentos que sejam seguros e nutritivos.

Um dos ODS das Nações Unidas inclui a erradicação da fome, o que para conseguir alimentar 9/10 mil milhões de pessoas em 2050 será preciso alcançar as contrapartidas certas entre sustentabilidade, segurança alimentar, segurança dos alimentos, e melhor uso dos alimentos já produzidos. A hierarquia das estratégias para reduzir as perdas e desperdícios alimentares, em ordem decrescente, passará pela sua redução ao longo da cadeia de produção, reutilização ou reproprocessamento dos excedentes alimentares, reciclagem como alimentos para animais, recuperação da energia como biocombustível ou dos nutrientes como composto, ou matérias-primas para a indústria, enquanto a incineração ou despejo como lixo em aterros sanitários para recuperar energia apenas se poderá considerar como último recurso ([Vågsholm et al, 2020](#)). A redução das perdas e do desperdício alimentar são um elemento-chave para a segurança alimentar global, regional e local, assim como uma importante estratégia no combate às alterações climáticas e promoção de um futuro sustentável e à sobrevivência do nosso planeta como o conhecíamos há umas décadas atrás...

A **mensagem a reter não é** apenas a de adotarmos práticas de consumo responsável de alimentos seguros e nutritivos para cada um de nós e para as nossas famílias, na ótica de **reduzir o desperdício, mas sobretudo** na ótica de **não produzir desperdício**. Evitar a reciclagem e a reutilização de desperdícios, contribuindo assim para a segurança alimentar “Glocal” atuando localmente e simultaneamente gerando impacto a nível global, é uma responsabilidade que cada um de nós deve abraçar incondicionalmente, para que exista um futuro digno para as próximas gerações, ou seja para os nossos filhos e netos.

Referências

- Amuasi, J. H., Lucas, T., Horton, R., & Winkler, A. S. (2020). Reconnecting for our future: the lancet one health commission. *The Lancet*, 395(10235), 1469-1471.
- Garcia, S. N., Osburn, B. I., & Jay-Russell, M. T. (2020). One health for food safety, food security, and sustainable food production. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, 1.
- Global Risk Forum GRF Davos. *One Health - An Integrative Health Risk Management Perspective*. <http://onehealth.grforum.org/about/about-one-health/> (Consulta em outubro 2022).
- The lancet. (2022). [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)31027-8/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)31027-8/fulltext).
- Vågsholm, I., Arzoomand, N. S., & Boqvist, S. (2020). Food security, safety, and sustainability—getting the trade-offs right. *Frontiers in Sustainable Food Systems*, 4, 16.